

humanitas

Vol. LVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVIII • MMVI



sentimentos a ele associados), a sedução, a homossexualidade (adulada e satirizada, mas devidamente contextualizada no seu quadro histórico-mental), a paixão como sentimento motor e suas derivações. Assim se permite uma pequena «História do Amor», como o próprio A. sublinha no início da sua conclusão.

Em suma, estes *Caminhos do Amor em Roma*, adequadamente publicados quase em simultâneo com uma nova tradução portuguesa da *Arte de Amar* de Ovídio, são doravante uma importante ferramenta de trabalho para todos os que se dedicam ao estudo e à investigação da cultura e civilização romanas, não apenas filólogos, mas também historiadores, arqueólogos e cultores dos saberes filosóficos. Possuímos agora um meio mais para compreendermos as nossas raízes, confirmando que o amor não é uma invenção dos tempos medievais, como alguns fizeram já questão de sugerir, ou tentaram fazer crer.

Todas as afirmações e conclusões apresentadas são documentadas com passos literários, traduzidos de forma clara e escorreita, que possibilitam uma leitura interessada e contínua. Uma bibliografia actualizada, onde não faltam nomes incontornáveis como os de Foucault, Veyne, Cantarella e Wyke, integra o volume. O leitor só teria a ganhar, porém, se houvesse um índice onomástico e de passos citados, que facilitasse a investigação. Ainda assim, cremos poder afirmar que, em parte, estamos perante um manual do tipo *A Companion to*, para o tema do amor e da poesia lírica latina, e não só, dos séculos I a.C. e d.C.

NUNO S. RODRIGUES

ARISTÓTELES, *Obras Completas. História dos animais*, I, tradução de M. F. S. Silva, consultoria científica de C. Alმაça, (Lisboa, INCM, 2006), 317 p. ISBN: 972-27-1452-X.

Este I volume da *História dos Animais* (livros I-VI), insere-se no projecto de publicação da obra completa de Aristóteles liderado pelo Doutor António Pedro Mesquita. Divide-se em breve Introdução, Bibliografia selecta, Tradução anotada e Índice dos nomes de animais.

A Introdução equaciona de forma breve mas adequada os principais problemas aristotélicos relacionados com a obra em questão, anotando como Aristóteles sobreleva o testemunho dos poetas sobre o dos geógrafos e historiadores e como nele próprio se colhem interessantes questões metodológicas, da crítica das fontes à hierarquização da informação, das questões de observação e experimentação aos problemas de terminologia, sem esquecer a remissão para iconografia complementar, infelizmente perdida.

Dada a natureza científica da obra, é de extrema utilidade a apresentação de um Índice de nomes de animais, com entradas pelo nome grego e registo de todas

as ocorrências; trabalho tanto mais meritório quanto necessário para a árdua tarefa de estabelecer e fixar a tradução correcta desses nomes.

Mas não se pense que esta obra do Estagirita se limita a pormenores científicos e anatómicos, onde rapidamente se enfatiza a consideração científica do homem dentro do reino animal, que fornece inúmeros quadros de comparação para o melhor entendimento do único racional, dando lugar com frequência a apontamentos de comparação entre a psicologia animal e a humana. Ao longo da exposição encontramos algumas informações interessantíssimas de natureza literária, económica, médica, psicológica, incluindo fisiognomonía, e etnográfica.

A riqueza do volume é muito bem servida pela qualidade da tradução, que ultrapassou com segurança as questões mais técnicas sem deixar de apresentar uma leveza e uma fluências notáveis, merecendo os maiores elogios.

A anotação, sempre sóbria, no geral pretende esclarecer certos passos através de remissões e do recurso a outras obras do autor (em especial *Geração dos Animais* e *Partes dos Animais*) ou a autores antigos, com relevo para Eliano e Plínio o Naturalista. Naturalmente que esses esclarecimentos foram ditados por opções pessoais (e.g., na p.267 n.56, também podia citar *Nat.10.161*; na p.237, final do primeiro parágrafo, sobre o ferrão da abelha, podia remeter para *Nat.11.52*; na p.207 n.19, recordar *Nat.10.102*), dado não haver o objectivo de anotar todas as fontes, paralelos ou influências.

No caso de Plínio, a anotação impunha-se, uma vez que o próprio Naturalista confessa em *Nat.8.44-45* seguir, embora com acrescentos, os cerca de cinquenta volumes sobre animais escritos por Aristóteles: "*Quos percunctando quinquaginta ferme volumina illa praeclara de animalibus condidit; quae a me collecta in artum cum iis quae ignoraverat, quaeso ut legentes boni consulant...*". De facto, alguns dos paralelos referidos na anotação mostram que a fonte aristotélica foi usada com independência. É o caso das citações da p.98 n.60 (*Nat.11.273-274*): Plínio critica a credulidade de Aristóteles; da p.114 n.119 (*Nat.8.123*): o Naturalista não fala dos órgãos internos; da p.147 n.87 (*Nat.11.229*): Plínio acrescenta comentário de Trogo Pompeu; da p.147 n.90 (*Nat.11.60*): o Naturalista não perfilha a opinião de Aristóteles, coloca-a a par de outras; da p.258 n.26 (*Nat.11.116*): Plínio atribui o facto à postura dos ovos, não ao acasalamento; da p.306 n.207 (*Nat.10.174*): parece contradizer o Estagirita ao afirmar que, para acasalar, a raposa se deita de lado abraçando o macho.

Todavia, o cotejo de Aristóteles com Plínio não é facilitado pelo facto de as notas só usarem o critério de citação mais fácil e preciso, estabelecido pelo OLD — Oxford Latin Dictionary, em raríssimos casos (e.g., p.81.n.102; p.93 n.36 e p.305 n.201), utilizando critérios divergentes inclusive para o mesmo livro. A meu ver, a utilização do critério de citação OLD, que obviamente seguirei nas minhas propostas, ajudaria inclusive a limitar o número de falhas e lapsos e a garantir maior precisão, como nos seguintes casos: p.237 n.126: na verdade, no início da

secção o que se diz é que a rainha não tem ferrão ou não o usa (*Nat.*11.52), e só na secção seguinte (*Nat.*11.57) Plínio apresenta a controvérsia sobre se o zângão tem ou não ferrão; p.265 n.49: a citação correcta é 10.25; p.290 n.137: corrigir para 8.189, o que implica a fusão com a nota 138; p.304 n.193: mudar para 8.126; p.304 n.197: substituir por 8.125.

FRANCISCO OLIVEIRA

BRANDÃO, J. L.; SARAIVA, M. O. Q.; LAGE, C. F.: *ELLHNIKA. Introdução ao Grego Antigo*, (Belo Horizonte, UFMG, 2005), 651 p. ISBN: 85-7041-402-I.

O presente volume constitui um manual para iniciação ao Grego antigo vocacionado para *grands débutants*, acompanhados por professor ou em regime de auto-aprendizagem. Constitui-se também como caderno de exercícios e, em certa medida, como gramática.

A breve trecho se notam algumas das características e opções assumidas: trabalhar sempre com textos originais (ocasionalmente com ligeiras adaptações), avançar com noções gramaticais, lexicais, literárias e culturais à medida que os textos as suscitam; induzir o enriquecimento vocabular através da comparação com diversas línguas modernas e exercícios bem estruturados; introduzir referências históricas quando oportuno, por exemplo sobre o ensino do Grego (cf. p.213s.: adaptação da gramática de Port-Royal a Portugal, com a edição de 1760, por João Jacinto de Magalhães).

As quarenta lições encontram-se agrupadas em quatro grupos de 10, cada uma das quais é primacialmente suportada por um texto-base, sendo a matéria complementada com textos auxiliares ou ilustrativos. A I Parte esteia-se em textos do Evangelho de São João; a II em Esopo; a III em Luciano, mas também inclui textos vários nas lições 28^a e 29^a; a IV e última, com textos mais longos, recorre a Hesíodo, Homero, Sófocles e Safo.

Nos textos complementares, para além de pequenos textos construídos, cedo deparamos com autores e obras como Anacreonte (p.150, 261-262, 276, 293, 304, 355, 507), Mesomedes de Creta (p.165), *Actos dos Apóstolos* (p.335), Calímaco (p.339), Esopo (p.341 e 441), *Septuaginta* (p.365), Ésquilo (p.372), Estobeu (p.397), Xenofonte (p.402, 501), Aristóteles (p.412, 415, 418, 425, 635), Bábrio (p.447), Plutarco (p.460, 462), Luciano (p.467), Porfírio (p.481, 485), Jâmblico (p.482), Diógenes Laércio (p.489, 513, 515, 519, 521, 575, 630), Aécio (p.490), Diodoro Sículo (p.504), Suídas (p.516), Epicteto (p.516), Taciano (p.522), Atenágoras (p.572), Damásio (p.575), Aristófanés (p.578), Apolodoro (p.583), Platão (p.586, 598, 600,